

PORTUGUESE A1 – HIGHER LEVEL – PAPER 1
PORTUGAIS A1 – NIVEAU SUPÉRIEUR – ÉPREUVE 1
PORTUGUÉS A1 – NIVEL SUPERIOR – PRUEBA 1

Friday 15 November 2002 (afternoon)
Vendredi 15 novembre 2002 (après-midi)
Viernes 15 de noviembre de 2002 (tarde)

2 hours / 2 heures / 2 horas

INSTRUCTIONS TO CANDIDATES

- Do not open this examination paper until instructed to do so.
- Write a commentary on one passage only.

INSTRUCTIONS DESTINÉES AUX CANDIDATS

- Ne pas ouvrir cette épreuve avant d'y être autorisé.
- Rédiger un commentaire sur un seul des passages.

INSTRUCCIONES PARA LOS ALUMNOS

- No abra esta prueba hasta que se lo autoricen.
- Escriba un comentario sobre un solo fragmento.

Faça o comentário de um dos textos seguintes:

1. (a)

Flagelados do vento-leste

Nós somos os flagelados do vento leste!

A nosso favor
não houve campanhas de solidariedade
não se abriram os lares para nos abrigar
5 e não houve braços estendidos fraternalmente
para nós
Somos os flagelados do vento-leste!

O mar transmitiu-nos a sua perseverança
Aprendemos com o vento a bailar na desgraça
10 As cabras ensinaram-nos a comer pedras
para não perecermos

Somos os flagelados do vento-leste!

Morremos e ressuscitamos todos os anos
para desespero dos que nos impedem
15 a caminhada
Teimosamente continuamos de pé
num desafio aos deuses e aos homens
E as estiagens já não nos metem medo
porque descobrimos a origem das coisas
20 (quando pudermos!...)

Somos os flagelados do vento-leste!

Os homens esqueceram-se de nos chamar irmãos
E as vozes solidárias que temos sempre
escutado
25 São apenas
as vozes do mar
que nos salgou o sangue
as vozes do vento
que nos entranhou o ritmo do equilíbrio
30 e as vozes das nossas montanhas
estranha e silenciosamente musicais

Nós somos os flagelados do vento-leste!

Ovídio Martins (Cabo Verde), *Cem Poemas* (1974)

1. (b)

A senhora imaginação

Queira eu ou não, a imaginação faz parte do meu corpo. Vive à minha sombra, afina-se ao meu modo de ser. Ela persegue-me sem mesmo pedir licença e aloja-se em mim, cobrando desatinos, engenhos, as histórias que sobram na terra.

5 A imaginação é astuta, versátil, insaciável. Não há quem lhe governe o impulso, corrija o rumo. E porque nada a apazigua, obriga-me a inventar situações inusitadas. Como casar os que não se amam, desalojar pessoas de uma cidade para outra, de preferência tão longínqua quanto Shangri-lá. Induz-me a inventar mundos, a inventariá-los como se eu fosse geógrafa, antropóloga ou escritora.

10 E porque tudo é pouco para esta imaginação, sempre instalada na casa do meu espírito, ela exige que eu prove do sal das emoções, dê prova de amá-la, descreva-a como se fosse o que há de melhor na terra.

É a imaginação ainda que me sussurra o que seria de mim sem o caldo da fabulação, sem o sobressalto que infiltra na alma até abalar seus alicerces.

15 Para cada homem, contudo, ela se apresenta com embocadura especial. Em mim, sem dúvida, a imaginação lateja, dói, é um desassossego (...)

20 Às vezes, sozinha na sala, querendo saber de mim mesma quem sou, quando bem posso ser um quadro, um acorde de Beethoven, ou uma mulher apenas, esta imaginação amiga lança-me, de longe, uma bolinha de papel. Puxa a manga da blusa, anunciando desta forma que lhe pertenco. Com ela perto, chegou ao fim o meu repouso. Pois ali está a cobrar submissão, o direito de monitorar-me, de surgir na tela do meu cérebro. De tornar-se a única paisagem a consolar a linha do meu horizonte.

25 Frente a tais intrigantes propostas, não resisto ao seu fervor. Cedo-lhe o espírito. Afinal, o mundo, desfalcado de sua companhia, seria um deserto sem o crepúsculo. Vencida, em troca de ser eu seu abrigo, cobro-lhe a invenção, o engenho humano, toda sorte de criação.

30 Após este pacto, a imaginação enfeita-se para mim. Envoltas em mil véus coloridos, dá livre curso ao espectáculo da sedução, que é interminável. Suas imagens, como trança, entrelaçam-se generosas aos nossos sonhos humanos. Galante e inquieta, ela rodopia. Cede-me a cada giro um novo cenário. Posso estar assim onde quero. Ora na Calle del Cuchillero, no coração de Madrid, ou no pátio do Petit Trianon, onde a estátua de Machado de Assis observa, com fina ironia, a mutação da realidade.

Só então, envolta com os parâmetros da imaginação, tento esboçar o retrato do seu recôndito mistério.

Nélida Piñon (Brasil), *Até Amanhã, Outra Vez* (1999)